A MOBILIDADE DOS TRECHEIROS E A IMPORTÂNCIA DE SEUS OBJETOS MATERIAIS

Alexandre Espósito

Doutorando, mestre e psicólogo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

alexandreespositosp@gmail.com

José Sterza Justo

Doutor em Psicologia Social e Livre-docente em Psicologia do Desenvolvimento. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

sterzajusto@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo trata da importância dos objetos materiais na produção e reprodução das condições de vida, tendo como foco o caso dos trecheiros: pessoas que vivem em trânsito de uma cidade a outra, caminhado a pé pelos acostamentos das rodovias ou utilizando passes de ônibus concedidos pelos serviços de assistência social. A pesquisa foi realizada com trecheiros de passagem por uma cidade média do oeste do estado de São Paulo. Foram realizadas entrevistas e observações de campo utilizando metodologia etnográfica num posto de atendimento a migrantes e itinerantes, instalado na rodoviária cidade. Foi possível constatar que os objetos materiais que trecheiros carregam consigo são indispensáveis para a sobrevivência nas cidades que transitam e necessários para formar redes de contatos com outros sujeitos. Diferentemente dos consumidores comuns, os trecheiros interpelam diariamente o sentido dos objetos que carregam, agem sobre eles modificando-os e lhes dando usos diferentes dos convencionais para que seja possível continuar suas migrações pelas cidades.

Palavras-chaves: População em situação de rua; Trecheiros; Etnografia; Psicologia Social.

TRECHEIROS' MOBILITY AND THE IMPORTANCE OF THEIR MATERIAL OBJECTS

ABSTRACT: This study refers to the relevance of objects in the production and reproduction of life conditions focused on the case of “trecheiros” – individuals who live travelling between cities, walking by roadway sidewalks or utilizing bus tickets provided by social welfare services. This study was performed with homeless called “trecheiros” passing by a medium-sized city in Western São Paulo. Interviews and field observation were performed from a support stand for migrants and travelers installed in the local bus station. It was possible to note that material objects that “trecheiros” carry with themselves are indispensable for the survival. Unlike usual clients, “trecheiros” recalculate every day the meaning of objects they carry with themselves. “Trecheiros” modify their objects by using them for different purposes and by inserting them in their own lives, their subjective productions and in relationships they build up with other “trecheiros”.

Key-words: Homeless; Ethnography; Social Psychology.

1. INTRODUÇÃO

Os trecheiros são sujeitos que vivem circulando de cidade em cidade sem rumo definido, sobrevivendo de pequenos “bicos” (trabalho temporário) de “achques” (pedido de ajuda financeira) ou da ajuda de entidades filantrópicas ou de serviços de assistência social dos municípios (JUSTO, 2011). Geralmente, permanecem pouco tempo em cada cidade seja porque já incorporaram como seu estilo de vida o constante transito de uma cidade a outra ou porque são deliberadamente enviados para outra localidade pelos serviços que lhes dão assistência, orientados por políticas que visam se livrar deles por serem considerados visitantes indesejados ou incômodos (FREITAS, 2014).

No presente artigo, focaremos em discutir as práticas de mobilidade dos trecheiros que estão atreladas aos objetos que possibilitam e facilitam suas trajetórias, garantindo que seus desejos por viajar sejam possíveis. A prática da mobilidade não se constitui apenas num deslocamento geográfico. Inclui uma rede de narrativas, moralidades, estéticas, formas de existência e tantas outras produções que entram em contraste umas com outras, atravessadas por relações de produção e distribuição social de poder e de dominação (CRESSWELL, 2010).

Desse modo, mobilidade é distribuída de maneira desigual, mediante sanções, aprovações, coerções, recursos financeiros, entre outros mecanismos de controle. Conforme acentua Paul Virilio (1996) no mundo dromológico, ou no mundo da movimentação, o poder reside no acesso e controle das mobilidades e velocidades, no campo econômico, político, cultural, subjetivo e em todos os outros, portanto, a disputa pela mobilidade é decisiva e é o que, substancialmente institui relações de dominação e de subalternidade, como preconceitos e discriminações. Assim, diferentes forças na mobilidade são o que diferencia um turista de um “vagabundo errante”, conforme pontua Bauman (1999) ou os executivos de grandes empresas, considerados como estrangeiros, da mão de obra subalterna chamada de imigrantes, conforme aponta Resstel (2015).

Com sua forma de mobilidade não lucrativa, sem poder aquisitivo e pouco mencionados em trabalhos científicos e governamentais, os trecheiros são discriminados nos meios urbanos e sua circulação, seja a pé ou na permanência das cidades é controlada pelos municípios por meio de entidades assistenciais, filantrópicas e concessionárias de pedágios (NASCIMENTO; FRANÇA; JUSTO, 2009). Eles são reconhecidos como parte constituinte da população em situação de rua, conforme a Política Nacional para a Inclusão da População em Situação de Rua, que os apresentam como sujeitos caracterizados pela forma de mobilidade que fazem:

São diversos os grupos de pessoas que estão nas ruas: imigrantes, desempregados, egressos dos sistemas penitenciário e psiquiátrico, entre outros, que constituem uma enorme gama de pessoas vivendo o cotidiano das ruas. Ressalte-se ainda a presença dos chamados “trecheiros”: pessoas que transitam de uma cidade a outra (na maioria das vezes, caminhando a pé pelas estradas, pedindo carona ou se deslocando com passes de viagem concedidos por entidades assistenciais) (BRASIL, 2008).

Esta é a única menção em documentos governamentais relacionados a políticas de assistência social dirigidas aos trecheiros. Apesar de serem citados, são ignorados em suas especificidades quanto a demandas de assistência (JUSTO et al., 2014). Além de não disporem de políticas públicas específicas e serem tratados junto com a população de rua, não recebem qualquer consideração especial das ciências sociais, pois priorizando suas pesquisas pessoas em situação de rua fixadas em territórios. Trecheiros e demais pessoas em situação de rua se

diferenciam substancialmente pelo fato de que os primeiros vivem em trânsito de uma cidade a outra e os segundos são mais sedentários, se fixam em determinadas cidades ou até em certos territórios urbanos (JUSTO, 2012). As populações em situação de rua, errantes ou fixas, possuem estratégias diferentes de sobrevivência e se valem de objetos e instrumentos igualmente diferentes no cotidiano, em função de necessidades, demandas e desejos específicos.

Desse modo, as pessoas em situação de rua, ainda mais quando se incluem entre elas os trecheiros, formam um conjunto bastante heterogêneo, tornando problemático seu agrupamento e tratamento como uma “população” (BRASIL, 2008; VARANDA, ADORNO, 2004). É necessário levar em consideração as singularidades presentes nesses modos de vida, assim como em tantos outros. Estudá-los como se fossem uma população é criar padronizações de formas de existência distintas que podem ser úteis para a uniformização de condutas e procedimentos em serviços, não para a compreensão da pluralidade da vida e da criação de políticas públicas que a levem em consideração.

O trecho pode ser uma parte de um percurso ou caminho a ser percorrido (JUSTO, 2011). Podemos acrescentar que, em muitos casos, o trecho se refere a um estado emocional do trecheiro, alude a um estado de espírito. Ao romper e desertar da vida sedentarizada por assentamentos estáveis em uma residência, família, emprego e vinculações sócio-afetivas, o sujeito se desterritorializa de um espaço físico-geográfico, social e psicológico e se territorializa na vivência do trecho. Estar no trecho significa sair do estado sedentarizado e movimentar-se de cidade em cidade em busca, muitas vezes, da próxima cidade. Os trecheiros assim fazem movimentos errantes, caminham sem rumo, sem perseguir o objetivo de uma nova sedentarização ou reterritorialização em antigos territórios já habitados de maneira estável. Apesar de muitos deles afirmarem que querem abandonar o trecho, não indicam como, nem tem planos concretos para voltar ou se fixar em algum novo assentamento geográfico. O trecho é marcado por imprevisibilidades e estar preparado para elas é de extrema importância para viver em trânsito e ter algum bem-estar mínimo nele.

O objetivo desse artigo é mostrar especificidades e singularidades dos trecheiros no tocante à maneira como, em seus trânsitos, se relacionam com os espaços, pessoas e instituições utilizando de objetos materiais que carregam consigo de forma estratégicas para se inserirem em

redes de informações e continuar seus modos de vida viajantes. Muitos desses objetos possuem um alto valor e sentido de sobrevivência, tornando-se praticamente indispensáveis.

2. DELINEAMENTO GERAL DA PESQUISA

Nosso ambiente da pesquisa se situa numa rodoviária de uma cidade do interior paulista¹, localizada numa importante rota de ligação entre os estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul. Muitos trecheiros passam pelo município por ser um importante corredor rodoviário, chegando até ele utilizando passagens de ônibus ou a pé. Essas passagens podem ser cedidas por serviços de assistência social ou compradas com o próprio dinheiro. Constatamos que é uma prática comum de serviços municipais de assistência social conceder uma passagem rodoviária até uma cidade próxima, independentemente do destino desejado pelo usuário-trecheiro. Para tanto, no caso da cidade em questão, foi instalado no terminal rodoviário um estabelecimento de assistência social, vinculado ao Centro de Especializado de Assistência Social (CREAS) que concede passagens de ônibus interurbanos para aqueles que não são naturais da cidade e pretendem ir embora ou consentem em partir. Precisam declarar não poder arcar com os custos da passagem e só se pode emitir passagens para o mesmo sujeito uma vez por ano. Notamos que a estratégia mais comum dos agentes da assistência social é desestimular a permanência de trecheiros na cidade e enviá-los para outra localidade, evitando, dessa forma, o aumento das pessoas em situação de rua no município.

Ao chegar na cidade, o trecheiro, vindo de alguma outra por meio de uma viagem de ônibus ou a pé, se dirige ao estabelecimento institucional que fornece passagens de ônibus intermunicipais de curta distância – circulares- para a cidade mais próxima. Ele já sabe como funciona o serviço, por meio da troca de informações com outros trecheiros. Caso ele não vá ao estabelecimento, o agente institucional da assistência social, em suas rondas pelo local, chega até ele e acaba por encaminhá-lo à outra cidade, impossibilitando que se estacione.

¹ O nome da cidade foi ocultado por poder em algum momento comprometer a assistência social do município, criticada no corpo do texto.

Como referencial metodológico utilizamos a perspectiva etnográfica, procurando situar os acontecimentos observados naquele contexto, acompanhando os trecheiros por diferentes localidades desde a hora que entram na cidade até o momento que embarcam para outras. A etnografia é um denso exercício descritivo sobre a participação do pesquisador no cenário junto aos participantes da pesquisa (GEERTZ, 1978). Ela produz conhecimento sobre os aspectos culturais dos sujeitos por meio do encontro de subjetividades entre pesquisador e os outros participantes da pesquisa (SATO; SOUZA, 2001). Por meio do método etnográfico, torna-se possível compreender as características culturais propagadas entre os trecheiros referentes ao modo que ocupam os espaços, como se comunicam, como utilizam objetos materiais e como criam táticas para conseguir manter seus modos de vida migrando entre cidades (ESPÓSITO; JUSTO, 2017). Os resultados da pesquisa de campo podem ser apresentados e discutidos de diferentes maneiras. No presente artigo, fizemos um recorte das vivências de nosso diário de campo para apresentar as relações entre os trecheiros, objetos materiais e as interações que se formam nos ambientes e entre os sujeitos participantes por meio destes.

3. RESULTADOS

A vida de trecheiro não permite acumular ou levar consigo muitos pertences. Carregam o mínimo e necessário. Uma mala, uma mochila, uma bolsa ou mesmo um saco de estopa são objetos comuns e muito importantes, até porque é o que permite armazenar e transportar outros objetos. Para percorrer o trecho, tais objetos se tornam essenciais. Embora utilizados como guarda e transporte de outros objetos, possuem sentidos diferentes daqueles da mala do turista, do viajante ou do peregrino. Em boa parte dos casos dos trecheiros, todos seus pertences estão na mala, mochila ou no saco que carregam consigo.

Alguns objetos que levam são de alto valor de sobrevivência, porém, nem todos carregam as mesmas coisas. Conforme pudemos verificar, o que levam consigo depende do universo de significação singular de cada um e das estratégias que utilizam para percorrer o trecho. Há trecheiros que só andam de ônibus e só param em cidades que sabem que lhes darão passagens, porque preferem viajar assim ou porque carregam malas pesadas. Há outros que

viajam de ônibus e andam a pé nos acostamentos das estradas quando querem ir a uma cidade e não há a disponibilidade de passagens gratuitas até ela. Há, ainda, aqueles que por enfrentarem o asfalto quente das estradas carregam consigo pouco peso, dispensando certos objetos que lhes podem trazer dificuldades no trecho.

Em nosso diário de campo colhemos o relato de um trecheiro que na sua mochila levava dois pacotes de bolacha, uma embalagem de salgado com três unidades e um doce. Havia também na sua mala um par de chinelos para andar mais confortavelmente, um cobertor para se proteger do frio e dormir, um barbeador para ficar apresentável para conseguir trabalho, algumas roupas e outro par de sapatos. Andava com uma garrafa de água nas mãos, ainda com o rótulo, mas, posteriormente, nos disse que era de cachaça que bebia para se esquecer das más lembranças.

Em outro relato, quando conversamos com uma dupla de trecheiros que andavam juntos há mais de dois anos, disseram que em suas malas haviam produtos de higiene pessoal que sempre carregam consigo, como o barbeador, que usam todo dia, a escova de dentes, pasta e sabonete. Eles se preocupavam com a aparência por três motivos, segundo disseram: para trabalho temporário, pedir dinheiro e mulheres. Procuram, sempre que possível, diminuir o peso na mala. Não carregam cobertores porque, apesar de poder usá-los para proteger do frio, atrapalham para fazer o trecho devido ao seu tamanho e peso. Para o trecho, uma das estratégias para eles é carregar pouco peso e também fazê-lo apenas durante o dia, andando a pé até às 17h00 e começando a andar às 06h00.

Uma mulher nos deu uma manta de casal assim (mostrou com as mãos o tamanho). Eu acabei dispensando junto com a mala grande. É impossível andar com essas coisas (FLÁVIO²).

Outra situação com esses dois trecheiros nos chamou a atenção, conforme nosso diário de campo:

Os mesmos trecheiros pegaram preservativos na recepção. Aproveitamos a ocasião para perguntar sobre relações sexuais.
HAHAHAHAHA, esse aqui gosta é de levar pina na bunda. Não, é brincadeira, ele não gosta não. (FLÁVIO)

² Todos os nomes citados são codinomes utilizados por questões éticas.

Ele pega mais mulher do que eu, é mais jovem, né? (MÁRIO).

“Eu sei fazer artesanato com palha de coqueiro. Um outro amigo nosso, que também faz, até tem medo de eu roubar as palhas dele. Quando vejo uma mulher que estou interessado, eu faço algum bicho com palha e chego nela entregando o de presente” (FLÁVIO).

O preservativo, nesse caso, é utilizado com as mesmas finalidades do uso geral e comum e não representa nenhum incômodo para eles. O que disseram sobre a sexualidade também não se diferencia do senso comum até mesmo quanto a preconceitos e posturas machistas. No entanto, a resposta que deram à pergunta sobre a sexualidade tocou em outro aspecto da questão principal da pesquisa: os objetos que carregam e os sentidos que assumem na vida dos trecheiros.

No universo de significação de um deles, um pouco de palha de coqueiro que, para muitos, pode ser visto apenas lixo orgânico ou como resíduo imprestável de uma árvore, para ele é um material valioso que representa a chance de conseguir algum dinheiro e também de se aproximar e se relacionar com pessoas que o atraem. No caso desse trecheiro, a palha de coqueiro é útil e valiosa porque ele a utiliza como matéria prima de seu artesanato e faz dessa atividade, bastante compatível com a vida no trecho, uma estratégia de vida, não apenas para geração de renda, mas também para se aproximar e conquistar a simpatia de mulheres. Além de terem mencionado o artesanato como uma atividade no trecho que pode gerar alguma fonte de renda, também disseram que costumam pedir dinheiro pelas rodoviárias suas proximidades.

Em outro caso, outra dupla de trecheiros prefere não carregar quase nenhum peso, pois receiam que uma quantidade maior de pertences pode atrair a cobiça e os expor a assaltos e agressões. Enfatizaram bastante o “perigo das ruas”. Um deles afirmou que “na rua, a gente dorme com um olho aberto e outro fechado ” (Matias).

Quando perguntamos para esses dois trecheiros como se protegem do frio nas ruas, nos disseram que não usam nada para se protegerem. João tem em sua bolsa (curiosamente, do Congresso Latino-Americano de Psicologia) apenas uma muda de roupas e uma garrafinha de cachaça. Matias não carregava nada. Ele já foi roubado no trecho e prefere andar agora desta maneira.

Tanto o frio, quanto o roubo são desconfortos e perigos que os trecheiros enfrentam constantemente no trecho. São duas preocupações que, além da busca por alimentos, os fazem se precaver e se proteger o máximo que podem.

Em outro dia de trabalho de campo, havia um grupo de quatro sujeitos. Havia dois trecheiros que já estavam com passagens marcadas para viajar até uma cidade vizinha, um homem em situação de rua e outro homem há uma semana desabrigado. Passaram a noite fria anterior de nosso encontro nas ruas. Perguntamos primeiramente como passaram essa noite de frio. Eles nos mostraram várias cobertas que ganharam pedindo e que dividiram. Além disso, relataram uma técnica que utilizam nessas situações: cortam uma latinha ao meio, pegam uma estopa molhada no álcool de posto, colocam dentro da latinha e acendem. Se colocar em volta uns tijolos achados pela rua, vira um fogãozinho improvisado. Para cozinhar pedem algumas panelas velhas pelas casas da região, dividem as tarefas de buscar alimentos e, assim, conseguem cozinhar e preparar a própria refeição.

Em outro momento, encontramos um viajante mochileiro que estivera há pouco tempo no Rio Grande do Sul, onde quase morreu de frio, segundo disse. Porém, lhe ensinaram a mesma técnica da latinha: cortou uma lata ao meio, um pedaço de pano e álcool. Segundo ele, para usar esse recurso e não morrer de frio, às vezes é necessário cortar um pedaço da roupa para manter viva a chama do fogão improvisado, queimando o álcool e aquecendo.

O fogãozinho, dessa maneira, é uma ferramenta importante para sobreviver ao frio e conseguir se alimentar. No dia em que os entrevistamos os quatro sujeitos, não estavam fazendo o fogão na praça para não chamar a atenção e serem, eventualmente, reprimidos ou expulsos do local. No entanto, o improvisaram há menos de um quilometro da rodoviária, onde há um pequeno parque desativado e abandonado, transformado em pasto, com uma nascente e uma torneira de água. Nesse espaço o risco de serem incomodados era baixo. Ali tomaram banho, lavaram as roupas e cozinham.

Para dormir, outro trecheiro que encontramos, usava o cobertor como proteção contra animais que podem ataca-lo no meio dos matagais. Raramente vai a um estabelecimento institucional em busca de abrigo. Costuma se ajeitar em algum posto na estrada ou no meio de algum matagal ou plantação. “Entro no mato, fôrro o chão com meu cobertor e só rezo a Deus para não ser atacado por nenhum bicho”. Os objetos que carregam possuem outra utilidade essencial no mundo dos trecheiros. São utilizados entre eles como objetos de troca, assumindo o papel de mercadorias.

Há também aqueles trecheiros que estão procurando trabalho. Nesses casos, tal como registramos um deles em nosso diário de campo, podemos observar a extrema preocupação em encontrar algum tipo de serviço e os apetrechos que carregam como ferramentas de trabalho:

Quando eu cheguei, ele já estava lá [estabelecimento do CREAS instalado na Rodoviária]. Barnabé, 63 anos. Usava na cabeça um capacete de segurança e proteção no trabalho e segurava um chapéu sombreiro em uma mão. Sua mochila era um saco de estopa e carregava uma barra de ferro na outra mão. Usava um colar de conchas em seu pescoço. Perguntei da onde ele era. Não entendi muito bem à princípio. Era na verdade de Ibaiti-PR. Falava muito sobre o trabalho. Na verdade, era um excesso de falas sobre viajar para trabalhar, mostrando para que servia cada coisa que possuía. O ferro na mão, para serviços de mecânica. O capacete, para trabalhar na construção. O sombreiro, para a lavoura. O trecho? Um caminho para o trabalho. Ele me disse que sabe trabalhar de tudo: pedreiro, mecânico, pintor, agricultor, padeiro. Avisaram a ele que não iria ter passagem alguma para Ourinhos, apenas para Marília. Ele balançou a cabeça nervoso, saiu da rodoviária em direção a uma rua que termina na estrada. Vai a pé ao seu destino de trabalho.

Existem estreitas conexões entre trecheiros e migrantes em busca de trabalho. Por isso mesmo, alguns carregam consigo instrumentos de trabalho e migram acompanhando a sazonalidade das lavouras ou outras oportunidades de trabalho temporário como em feiras agroindustriais.

Portanto, os modos de sobrevivência no trecho dependem de uma gama de estratégias para enfrentar adversidades como o frio, a fome e a submissão ao trabalho mal remunerado e precário.

4. DISCUSSÃO

Os objetos materiais podem assumir diferentes funções e sentidos ao longo de seu histórico, associados a sistemas simbólicos e/ou econômicos. Eles não são concebidos como tal apenas por seu valor econômico estabelecido pela sua negociação no mercado, uma de suas características é estabelecer vínculos sociais (APPADURAI, 2008). Ao estudar a relação de imigrantes piauienses em São Paulo com o local de origem, Braga (2012) assinala que o ato de enviar produtos da terra natal para os que foram é uma maneira de fortalecer o sentimento de pertencimento ao local de origem, de relembrar seus hábitos, sentir-se próximos de seus

familiares e pensar em suas rotinas conterrâneas. Hodgetts et al (2010) apontam como os objetos são importantes para que as pessoas em situação de rua construam em territórios transitórios um espaço habitável que, além de estabelecer conforto, fazem com que suas estadias sejam mais familiares, trazendo traços de seus antigos lares. Além dos vínculos sociais, os objetos materiais recriam memórias e mesmo aqueles que podem ser considerados como “sucata” podem ter forte valor afetivo (JUSTO, 2011). Assim, junto ao ato de troca, também estão vinculados os afetos, o sentimento de pertencimento, a manutenção da união de ambas as partes, as redes de solidariedade, a ajuda mútua e etc. Mesmo as relações de compra e venda de objetos ultrapassam o sentido econômico e fazem vínculos de identidade entre sujeito e aquela mercadoria, aproximando-o de sua cultura (GUELL et al, 2015).

Entre os trecheiros existe um trânsito específico de objetos-mercadoria que pode ser intermediado por dinheiro, mas comumente se realiza por meio de trocas diretas por outros objetos ou por serviços e favores. O hábito de presentear ou doar coisas, solidariamente, uns aos outros é bastante presente e faz parte dos valores da cultura dos trecheiros. Muitos trecheiros compartilham mercadorias entre eles de modo solidário, como as cobertas, bebidas e outros objetos. Nas trocas ou no comércio entre eles não estão submetidos às leis do mercado, nem ao imperativo da acumulação, conforme acentua Brognoli (1996). Os trecheiros se norteiam mais pelo valor de uso do que pelo valor de troca dos objetos ou mercadorias e mesmo o valor de troca é estabelecido entre eles mesmos. Embora mantendo conexões com o mercado geral, por exemplo, quando compram cachaça e repassam para colegas em troca de outros produtos ou serviços, possuem bastante autonomia e regras próprias quanto, principalmente, ao estabelecimento de valor econômico porque prevalece, de qualquer maneira, o valor de uso dos objetos materiais e imateriais. As relações de troca de objetos e transações comerciais entre eles, é flexível e a moeda, talvez, mais corrente seja a solidariedade. Sinteticamente é possível afirmar que os objetos na vida dos trecheiros possuem um valor de uso próprio e de troca com os pares mediante as quais se desenvolvem relações de solidariedade, de ajuda aos outros e de compartilhamento quando utilizam coletivamente objetos e equipamentos.

As bebidas alcoólicas possuem uma presença marcante na vida e na convivência dos trecheiros, sendo utilizada por motivos de ordem psicológica (Nascimento, 2006). Nós constatamos em nossa pesquisa a importância de tais bebidas, predominantemente a cachaça, na

sociabilidade produzida entre os trecheiros sob a forma de trocas de favores e de objetos, além do estreitamento de vínculos e reconhecimentos mútuos e como demonstração de solidariedade.

Em um dos nossos encontros com uma dupla de trecheiros, nós registramos em nosso diário de campo uma cena bastante significativa. Um deles, ao longo da conversa sacou um corote de cachaça, deu um gole, ofereceu ao outro. Perguntamos sobre o compartilhamento de bebidas no trecho, e ele respondeu prontamente que mesmo estando há dois meses de trecho, já teria aprendido que é preciso dividir o que se tem com os outros. Segundo ele se estiver com uma marmitex, não deixaria outro trecheiro passar fome. O mesmo faz com a bebida, usada, segundo ele, para se esquecer das “coisas ruins da vida”. A mesma afirmação também pode ser encontrada em outras pesquisas com trecheiros (JUSTO, 2011; NASCIMENTO, 2006). A bebida alcoólica também pode ser uma mercadoria a ser trocada por informações ou mesmo um favor que se reverte em prestígio e fortalecimento dos vínculos identitários. Seu compartilhamento pode ser utilizado como forma de conseguir informações da cidade, das rotas e dos perigos e auxilia na ampliação de relacionamentos com pessoas em situação de rua locais (JUSTO, 2012).

As informações adquiridas por meios dessas trocas são essenciais para a vida no trecho (JUSTO, 2011). Podemos tratar a informação como um objeto imaterial (ATEM, 2008; GOMEZ, 2009) que carregam consigo, cuja utilização é indispensável, sobretudo a informação que adquirem diretamente e trocam, também diretamente, com os pares. É extremamente valioso para eles saber que tipo de tratamento está sendo dispensado a eles em outras cidades, que equipamentos e serviços de assistência existem como albergues, casas de passagem, concessão de passes de viagem, hospedagem em hotéis conveniados com prefeituras e assim por diante.

A transmissão de conhecimentos e tecnologias, como parte do processo de informação e de comunicação, contribui significativamente para o que poderíamos chamar de cultura dos trecheiros aquilo que é de domínio exclusivo deles. Ela dá o suporte coletivo para a construção e lapidação desse modo de viver. Trata-se de uma vida insurgente que precisa insistir e resistir para poder se viabilizar e conquistar algum espaço social, ainda que seja em penumbras e recantos da sociedade. Por isso a troca de informação, de conhecimentos, de tecnologias, objetos e serviços de sua produção simbólica é essencial.

Segundo a teoria do ator-rede o que compõe o social não é apenas o agrupamento humano, ele é formado por incontáveis redes heterogêneas que incluem as relações mediadas por objetos, instituições e outros diversos (LATOUR, 1994; LAW, s/d). Desse modo, a teoria do ator-rede descentraliza o ser humano como aspecto principal: “de uma posição analítica, ela nega que as pessoas sejam necessariamente especiais (LAW, s/d, pág.04)”. Nessa mesma posição de análise, na teoria do ator-rede, um ator é também uma rede. As redes são tão complexas que são poucas as vezes que percebemos seus funcionamentos e/ou suas complexidades. Deste modo, a bebida é como um ator-rede que une trecheiros na sociabilidade entre seus pares, favorecendo a busca de informações, de proteção, amparo, de diversão, de descoberta de novas direções, rotas a percorrer em busca do trabalho temporário que permite manter a sobrevivência no trecho, dentre tantas outras buscas. No entanto, a valorização da bebida alcoólica entre eles também a torna um dos principais pontos de discórdia, conflitos, desentendimentos e brigas (NASCIMENTO, 2006).

Mas não é somente em torno da bebida que se deflagram desavenças e relações e relacionamentos sorrateiros, não solidários. Roubos entre eles são relatados como ocorrendo frequentemente, atribuídos a um tipo específico de trecheiros denominados por eles mesmos como “pardais” (ESPÓSITO, 2017). Esses seriam aqueles que vivem circulando de uma cidade a outra, realizando mangueios, pequenos furtos ou “chupinhando”, como dizem, outros trecheiros (JUSTO, 2005).

A preocupação com os pertences se torna constante pois, normalmente, todos os objetos que possuem estão na única mala que carregam. Consequentemente, um roubo, principalmente de uma mala, implica um grande prejuízo, incluindo, a perda de documentos como R.G., carteira de trabalho, certidão de nascimento e título de eleitor que aterra muita dificuldade de repor.

O telefone é outro artefato presente no cotidiano dos trecheiros, importante para comunicações e relacionamentos com pessoas distantes e de outros ambientes, via de regra, familiares, à semelhança do que Lobo (2010) expõe no caso de imigrantes. Uma parcela de trecheiros não se distanciou permanentemente de seus familiares. Apesar de estarem no trecho e até não pretenderem retornar à uma vida familiar sedentária, alguns ainda mantêm contato enquanto migram de cidade em cidade. Fazem ligações esporádicas, combinam visitas a familiares no final do ano ou em alguma data especial, discutem com eles sobre documentos importantes que precisam e às vezes marcam encontros apenas por questão de saudades.

Há casos em que compram cartões telefônicos para ligarem para a família ou usam telefone de algum albergue em casos em que o trecheiro precisa provar sua procedência. No trecho há como se obter celulares usados, por preços baixos, como exposto na fala abaixo, por um trecheiro:

Ah meu, o que mais tem para vender é isso aí (celular). Usuário de droga rouba e depois tenta vender para comprar droga. Tem também esse pessoal da rua que já não quer o aparelho e vai vendendo também. Vai passando de um para outro. Com R\$10.00 ou R\$20.00 você compra um. Aí é só comprar um chip que você usa. (PEDRO)

Nenhum relatou o uso do telefone para se comunicar com outro trecheiro. Portanto, o telefone, é utilizado para manter contatos, relacionamentos e estabelecer redes de conexão com pessoas de outros ambientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As interações mediadas por objetos entre os trecheiros são fundamentais para a construção das condições de vida errante e da sua cultura, assegurando a produção e transmissão de representações simbólicas, conhecimentos, valores, tecnologias, formas de relacionamento, estratégias de vida e tantas outras produções fundamentais para essa forma de existência. Os objetos que carregam consigo são tudo que possuem para viver. Eles assumem funções diversas no cotidiano e disparam relacionamentos vários entre eles, predominando relações de solidariedade, pela qual se ajudam mutuamente, doando e compartilhando coisas que possuem alto valor de uso e sentido para a sobrevivência. É possível consubstanciar com a experiência dos trecheiros que o objeto é “dotado de significação social, religiosa, mágica e econômica, utilitária e sentimental, jurídica e moral.” (BRAGA, 2012 apud LEVI-STRAUSS, 2009, pág. 91) e acrescentar que os objetos também assumem uma dimensão desejante e de poder, simbólica e normativa.

O mundo dos trecheiros é caracterizado pelo trânsito. Eles circulam frequentemente de uma cidade a outra, mudando constantemente a paisagem de seu cotidiano, objetos e pessoas com os quais se relacionam. Nessa condição de errância os objetos dos trecheiros acabam por serem errantes também. São objetos transitórios, com os quais permanecem pouco tempo. Não é possível acumular e nem fortalecer sentimentos de propriedade ou de posse nessa forma de viver. Os objetos são usados, consumidos de forma relativamente rápida ou são doados, trocados, vendidos ou, ainda, roubados, como também acontece. Como as provisões se resumem praticamente a roupas e calçados que carregam no próprio corpo e duram por algum tempo, tudo o mais que é necessário para o dia precisa ser providenciado a cada instante. Nessa efemeridade acentuada, cada dia é um novo dia, a saber, o que se repete de um dia para outro é muito pouco relativamente a objetos e pessoas com os quais o trecheiro se relaciona. O lugar aonde está não é exatamente o mesmo; é uma cidade, mas outra cidade; as pessoas com as quais estabelece relações são trecheiros, assistentes sociais, cidadãos e outros como já encontrou tantas vezes antes, mas não são exatamente como são, para os sedentarizados, seus vizinhos, colegas de trabalho, familiares e conhecidos das cidades nas quais residem.

Os objetos, retirados do mercado convencional e inseridos na cultura dos trecheiros, assumem outras significações, outros sentidos. Primeiro, são desinvestidos do fetiche que os caracteriza enquanto mercadoria que transita nas relações, com a intermediação do dinheiro e destinada a gerar lucros cada vez maiores impulsionados pelo consumismo, pela obsolescência programada e pelo descarte. As relações com os objetos e o valor que assumem são orientadas, na cultura dos trecheiros, pela utilidade e sentidos que possuem nas práxis, ou seja, na construção coletiva dessa condição de existência. Por isso, o valor de uso se sobressai e os objetos são moldados, recriados, funcionalizados para atenderem as necessidades, demandas e desejos dos trecheiros.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. **A Vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.** Niteroi, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2008.

ATEM, G. "**O imaterial - Fundamentos filosóficos-semióticos da produção de subjetividades**", in: Anais do ix Fórum de Estudos lingüísticos. Rio de Janeiro, Dialogarts-UERj, 2008.

BAUMAN, Z. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BRAGA, A. M. C. O Que Se Leva, O Que Se Traz: Fluxos Migratórios e Fluxos de Mercadorias entre o Interior do Piauí e a Cidade de São Paulo. In.: TEXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C.; BAENINGER, R. (Orgs.) **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BRASIL. **Política Nacional para Inclusão da População em Situação de Rua**. Brasília, 2008.

BROGNOLI, F. F. Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

CRESSWELL, T. Towards a politics of mobility. **Environment and planning. D, Society and space**, v. 28, n. 1, p. 17, 2010.

ESPÓSITO, Alexandre. **Vidas no trecho: as interações dos trecheiros com os ambientes pelos quais transitam**. Dissertação de mestrado. 2017.

ESPÓSITO, Alexandre; JUSTO, José Sterza. Etnografia e deriva: possibilidades na pesquisa. **ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade**, v. 7, n. 1, p. 91-102, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/2039/1426> Acesso em 11 de dezembro de 2018.

FREITAS, C. J. **Os indesejáveis: agentes públicos e a gestão da mobilidade de trecheiros e pessoas em situação de rua**, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/123173>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMEZ, M. N. G. **A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial**. *Pesq. bras. Ci. Inf.*, Brasília, v.2, n.1, p.115-134, 2009.

GÜELL, B; PARELLA, S.; VALENZUELA GARCÍA, H. La economía étnica en perspectiva: del anclaje a la fluidez en la urbe global. **Alteridades**, v. 25, n.50, p. 37-50, 2015. Disponível em:

http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-70172015000200004&lng=es&tlng=es. Acesso em: 20 de setembro de 2016.

HODGETTS, Darrin J. et al. The mobile hermit and the city: Considering links between places, objects, and identities in social psychological research on homelessness. **British Journal of Social Psychology**, v. 49, n. 2, p. 285-303, 2010. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1348/014466609X450465> Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

JUSTO, J. S. **Andarilhos e trecheiros: errância e nomadismo na contemporaneidade**. Assis, 2005.

_____. **Andarilhos e Trecheiros: errância e nomadismo na contemporaneidade**. Editora da Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2011.

_____. **Vidas Errantes: políticas de mobilidade e experiências de tempo-espço**. EDUEL: Londrina, 2012.

JUSTO, J. S. et al. Políticas públicas de mobilidade e assistência a itinerantes: o caso dos trecheiros. **Emancipação**, v. 13, n. 3, p. 105-120, 2014. Disponível em <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5002018>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LAW, John. **Notas sobre a teoria do ator-rede: ordenamento, estratégia e heterogeneidade**. Disponível em: <http://www.necso.ufrj.br/Trads/Notas%20sobre%20a%20teoria%20Ator-Rede.htm> Acesso em: 07 de maio de 2016.

LOBO, A. S. Mantendo Relações à Distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, W. **Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia, 2010.

NASCIMENTO, E.C. **Nomadismos contemporâneos: Um estudo sobre errantes trecheiros**. Editora Unesp: São Paulo, 2006.

NASCIMENTO, E. C.; JUSTO, J. S.; FRANÇA, S. A. M. Errância e normalização social: um estudo sobre andarilhos de estrada. **Psicologia em estudo**, p. 641-648, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a04>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

RESSTEL, C. C. F. P. **Desamparo psíquico nos filhos de Dekasseguis no retorno ao Brasil**. São Paulo: SciELO-Editora UNESP, 2015.

SATO, L.; SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/63371> Acesso em 25 de janeiro de 2019.

VARANDA, W.; ADORNO, R. de C. F. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 1, p. 56-69, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010412902004000100007&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

VIRILIO, P. **Velocidade e Política**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

Enviado 22/02/2019
Aceito 15/04/2019